

# Vinte e cinco a sete vozes

ALICE VIEIRA

Vinte e Cinco a Sete Vozes é a minha participação nesta iniciativa da Editorial Caminho. Pediram-me uma pequena história que falasse aos mais jovens dessa data, sobre a qual a grande maioria tem ideias algo nebulosas... Comecei por dizer não. Várias vezes. Para mim, 1974 foi ontem, e ainda me é difícil falar de História tão recente. Para os mais novos foi, evidentemente, na pré-História, num estranho tempo em que as

peças conseguiam sobreviver (como???) sem telemóvel, sem internet, sem fax, sem micro-ondas, sem discotecas, sem telenovelas. Até que, ao não sei quantésimo telefonema da editora, acabei por dizer que sim. Confesso que dei muitas voltas à cabeça para ver por onde iria pegar no assunto: detesto slogans, frases feitas, choradinhos e exibição pública de sentimentos provados.

Então, de repente, vieram-me à ideia duas breves histórias verdadeiras: a do miúdo que, à pergunta da professora «o que é que aconteceu no 25 de Abril?», respondeu «eu acho que foi o 5 de Outubro...»; e a da professora primária que, na própria manhã da Revolução, recebe do Ministério da Educação os retratos do Américo Tomás e do Marcello Caetano para pendurar na parede da sala de aula. (Sim, naquele tempo, os retratos dos chefes eram obrigatórios, com o Crucifixo no meio). Decidi então reunir uma pequena «orquestra» de sete pessoas diferentes (na idade, na profissão, no meio) que vão dando a alguém — que, de gravador em punho, recolhe depoimentos para um trabalho que tem de apresentar sobre o tema — as suas opiniões sobre a data. E porque se trata de uma pequena novela (40 páginas, tinha dito a editora), há um ténue fio romanesco a ligar as sete pessoas.

Procuirei — uma vez que a história se destina, em princípio, aos mais jovens — levá-los a entender o que representou o 25 de Abril através da aparente banalidade do quotidiano que se vivia até 1974: não poder dar um beijo à namorada na via pública, não poder falar de tudo e em voz alta nos cafés, as relações com os professores nas escolas, os silêncios, os medos, etc., etc., etc...

Apesar dos meus receios iniciais, acabei por gostar muito de escrever este livro — e por me sentir incluída neste projecto editorial. O amor à camisola ainda funciona...



Então lá voltou a setora, com a cara vermelha de indignação, as veias da testa a conhecerem-se todas, aquilo até parecia uma estrada que ela tinha no cimo da cabeça. Olhou para nós e desatou a chamar-nos nomes. Que nós éramos... ai como é que ela dizia... que nós éramos uns... uns lázaros! Isso mesmo, uns lázaros! Mas nós, como não sabíamos o que é que a palavra queria dizer, nem nos sentimos muito ofendidos, e de resto a gente já sabe que ela, quando se irrita, desata a dizer palavras complicadas, e depois... O quê? Ah,

pois, o 25 de Abril, desculpa lá... Pois então o 25 de Abril... Para ser franco, minha, eu também não sei lá grande coisa. Para mim 25 de Abril, 5 de Outubro, 1.º de Novembro, 1.º de Dezembro e 1.º de Maio é tudo a mesma coisa, ou seja, é feriado e isso é que interessa. Agora, o que aconteceu nuns e noutros, isso é que é já mais complicado.

Mas acho que não sou só eu e A. Xis, porque nessa tal reportagem onde ele falou, mais ninguém sabia o que tinha sido o 1.º de Dezembro. Uns falaram no Salazar, outros falaram na República, e uma senhora até apareceu a fazer um grande discurso, que tinha sido o dia em que o dr. Mário Soares tinha assinado... — mas a jornalista nem a deixou acabar a frase e tirou-lhe logo o microfone, para grande alívio do dr. Mário Soares, coitado, que eu acho que não deve ter tido nada a ver com o 1.º de Dezembro, mas a gente nunca sabe. A Madalena é que sabe, de certeza que sabe, a Madalena sabe sempre tudo.

Por isso é que a malta diz que ela é beta. Invejas, podes crer. Até eu, às vezes, também alinho. Sabes como é, se a malta começa a gozá-la, eu tenho de gozar também, senão os tipos voltam-se contra mim, isto é assim mesmo, se a gente pertence ao grupo tem de alinhar com eles em tudo, mas depois até fico chateado, porque a Madalena não merece. Às vezes, sabes, até gramava falar com ela, mas se a malta me visse ao lado dela punha-se logo a mandar bocas e eu...

Está bem, vou direito ao assunto. Tu agora até parecias a nossa setora de Ciências. «Direitos ao assunto e nada de fantasias.» Então, indo direito ao assunto, ontem à tarde entrei em casa e contei que lá na escola ninguém sabia o que tinha sido o 25 de Abril, e vai o meu pai disse logo, como eu já estava à espera, que a culpa era da escola, e que ele se fartava de trabalhar todos os dias e quando chegava a casa queria era paz e descanso e que eu não viesse com complicações, que ele não tinha cabeça para elas. A minha mãe ainda murmurou «o teu avô é que devia gostar muito de estar agora aqui, a falar do 25 de Abril», e logo o meu pai perguntou, de sobrelhaça franzida, «qual avô?», e a minha a sossegá-lo, «o teu pai, homem!», e ele, «ah bom!», e logo a meter a cara pela Bola dentro, resmungando, «que o teu sempre foi um grande fascista, coitado, também já lá estás», e a minha mãe suspirou e disse que tivéssemos cuidado que a sopa estava a ferver.

Como estás a ver, não dá muito jeito falar do 25 de Abril à hora do jantar, sobretudo agora, com o meu pai preocupadíssimo em saber se o Benfica tem ou não tem dinheiro para pagar o Rui Costa ao Fiorentino, e a minha mãe preocupadíssima em saber se foi ou não foi a Ângela que fez explodir o shopping. Não é pelo meio disto que uma pessoa tem lata para perguntar, «mas a fi-

nial o que é que aconteceu no dia 25 de Abril?»

O quê? Se eu nunca vi nada sobre o 25 de Abril na televisão? Se queres que te diga, assim de repente, não me lembro. Eu vejo pouca televisão, tás a ver. Ainda quando eles davam o Dragon-Ball, eu via. Mas agora é tudo a mesma chachada, a não ser quando há futebol, isso é que eu gramo. E também aquele programa sobre os desportos radicais, com duas garinas bué da simpáticas, e que passa lá pelas três da matina. Documentários? Vejo pouco. Claro que, de vez em quando, olho e vou apanhando uma coisa aqui outra acolá. Claro que sei que o 25 de Abril foi quando uns militares se meteram nuns tanques e andaram de madrugada pelo Terreiro do Paço. Mas se queres que te explique o que é que eles lá andavam a fazer, isso é que já não sei. À espera do cacilheiro para o Ginjal é que não era, com certeza!

Já me perdi outra vez. Estás feita comigo!

Ora então vamos lá.

O meu pai até diz que essa coisa do 25 de Abril foi importante, e a minha mãe também. Mas importante porquê, é que eu gostava de saber, porque não basta uns tropas andarem às voltas no Terreiro do Paço para o dia se transformar em feriado, não é? Mas eles fecham-se em copas. E depois dizem que eu nunca falo com eles, que eu não me interessava por nada, que só sirvo para lhes pedir dinheiro, e pronto. Que eu cá também acho que eles nem devem saber muito sobre o 25 de Abril de 1974, porque no outro dia pus-me a fazer contas e cheguei à conclusão de que, nessa altura, a minha mãe tinha doze anos e o meu pai catorze, e com essa idade não deviam perceber muito bem o que é que se estava a passar, embora o meu pai esteja sempre a dizer que assim que saiu da escola primária começou logo a alombar com sacos às costas, e muito cedo soube o que custava a vida. Se tu quiseres ir falar com ele vai, só que não me parece que te vá ajudar muito. Mas não lhe vás contar estas coisas que eu disse agora, vê lá o que me arranjas, olha que o meu pai não é para graças, e chatices em casa já tenho de mais para o meu gosto.

Mas se queres um conselho, quem te dava um depoimento bué da fixe era a



Madalena, assim com muita gramática e os verbos todos certos, tás a ver? Não sabes quem é a Madalena? É só perguntares. Anda no 7.º B, toda a gente a conhece. Cinco a tudo, estás a topas?, escreve artigos no jornal da escola, nunca se balda. Há quem lhe chame betinha da Quinta da Marinha, mas é porque ela não dá confiança a esses mánfios que andam por aí a fazer-se ao piso. Fala com ela. Ela é que deve saber o que é que a gente comemora no dia 25 de Abril. Podes crer. E, já agora, assim como quem não quer a coisa, se lhe pudesse dizer que eu, sei lá, que eu gramava dar uma volta com ela ali pelo centro comercial, se ela pudesse, claro, estou mesmo a ver que os pais não a devem deixar, e ela é daquelas que não faz nada sem os pais deixarem, tás a ver o género, por isso é que dizem que é beta.